

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. III SETEMBRO A NOVEMBRO DE 1897 N.º 9 A 11

Numismatica

Entre os livros que do convento de Santa Cruz de Coimbra vieram para a Bibliotheca Nacional existe um que se compõe de dois cadernos de pergaminho cosidos um ao outro, sem capa, e que no rosto da primeira página tem como titulo em lettra moderna (sec. XVIII): *Cadernos da Receyta e Despeza do Thezouro que El-Rey D. Affonso III teve neste Mosteyro*. No primeiro d'esses dois cadernos, todos escriptos em lettra do sec. XIII, se encontra o curioso documento que vamos publicar, acompanhando-o com algumas considerações que a sua leitura nos suggere.

*

Por duas vezes quis El-Rei D. Affonso III quebrar moeda, em 1255 e em 1261; de ambas as vezes desistiu do seu intento em troca de pesado tributo lançado sobre os povos: da primeira vez sem lhe ter dado principio de execução, da segunda depois de já ter cunhado moeda com toque mais baixo que o legal.

Pela convenção de 1261, em que estabeleceu o valor da moeda nova com relação á antiga, comprometteu-se a não cunhar moeda sem primeiro o participar aos principaes do seu reino. É conhecida a carta de participação de 6 de Março de 1270 em que communica a intenção em que estava de cunhar nova moeda¹.

É logo depois d'este documento que, tanto na serie logica como na chronologica, se deve collocar o de que hoje nos occupamos.

O Rei quer cunhar moeda; manda pois retirar do thesouro de Coimbra, onde estavam guardados, todos os preparos necessarios para esse fim.

¹ Vid. Aragão, etc., vol. I, pag. 344, n.º 7.

Já por uma carta de D. Fernando I nós sabemos que os instrumentos destinados ao fabrico da moeda eram propriedade regia e se guardavam no thesouro, mas o que ignoravamos era quaes fossem esses instrumentos, e sobre este ponto algumas luzes nos traz o presente documento.

Fr. Martinho, abbade de Alcobaca, esmoler do Rei, é o enviado a Coimbra para receber das mãos do prior de Santa Cruz, Pedro Suares, não só os instrumentos para cunhar a nova moeda, mas tambem o metal que a essa cunhagem se destinava.

Entre os metaes vemos figurar o ouro, quer em barras, quer em moeda, o cobre e o chumbo; mas prata, a não ser a já contida no bolhão cunhado, é cousa que aqui não apparece, sem que d'isso se possa dar alguma razão plausivel. Outras considerações temos de fazer ao conteudo do documento, mas vamos primeiro apresentá-lo ao estudo dos leitores.

Notum sit omnibus tam presentibus quam futuris qui ego frey Martinus d'Alcobacia esmolnarius domini Alfonsis Regis portugaliae et Algarbii confiteor et recognosco me recepisse a domino petro Sugerii priore monasterio sancte crucis Colimbriem et conventu ejusdem et Dominico ihannis quondam Almozarifo Domini Regis in Colimbria, petro ihannis repositario domini Regis per suam litteram apertam concedente et mandante per me: v capelles de ferro per ad funditionem et unum campacho et duos coceres ferreos et duos brangidoiros de cupro et duas sartagine et tres trolos et duodecim reeleyras de ferro et unum pesum magnum de ferro cum tabulis de madeyro et unas balanzas de cupro et tres molles de ferro et tres palas de ferro et unum cutellum magareyrum et unum cabum de ferro de cocere et duos martelos et unum ebotadoyro et unum sachum et unum pondus de ferro (d'una arrova). Item nungentos triginta parelios per ad monetandum denarios et xxii siceys et trecentos nanaginta quinque arrataes de cupro et centum et quator arrataes de plumbo et nungentos et septuaginta et octo arrataes de azo coronato. Item ii saccos de denariis brangidos de quingentis libris. Item decem et octo libras et septem solidos de denariis brangidos et nigris et triginta et septem morabitanos et quator quadratos in auro et unam mediam marcham d'auro et decem morabitanos novos in auro et unum morabitano alcozovil in auro et ii morabitanos alfonsiles in auro et unum morabitanum meloqui in auro et tres morabitanos veteres in auro. Item duodecim libras et xv arrataes de denariis Turonenses. Item vi arrataes et ix et de pectavus. Item de lavaduras et d'asento tres saccos de trecentis et vigintis arratheis et supradictam omnium et singulam recepi de Thesauro predicti monasteiro Sancte Crucis per cartam domini Alfonsi Regis portugaliae et Algarbii quam cartam inde predictus prior tenet in testimonium et per se predicto Domino priore et Dominico ihannis quondam almozarifo Colimbrie cum clavis quas tenebat de ipsis archis in quibus sedebant omnia supradicta et predicto frey martino elemosinario domini portugaliae cum clavibus de earum archarum quas michi petrus ihannis repositario domini Regis dedit. Et ut haec pretereia in dubium venire non possit fecimus fieri duas cartas divisas per alphabetum per manum Egidii vicentii publici

Thabellionis Colimbrie quarum Ego predictus frey martinus elemosinarius domini regis unam teneo et dicto prior et conventus sancte Crucis cum dominico ihannis predicto tenent altram. Actum fuit hoc in predicto monastiro Sabbato xv die marcii. Era mcccviii. Et ego predictus Egidius vicentii publico tabellio Colimbrie predictis omnibus et singulis interfui et manu propria scripsi et signum meum apposui in testimonium hujus rei. Qui presentes fuerunt: Ihannis Gunsalvi Almozarifo Colimbrie, Dominicus menendi Thabellio et scriba domini Regis, petrus salvatoris de prope runam fernandus parente Dominicus bartholomi, Michael de mene, petrus gunsalvi petenarius cives Colimbrie, petrus pet delodeu, pelagius egee, Ihannis d'Alfanxi homines domini Regis, prior claustri Dominus petrus petri sacrista, petrus ihannis Vimaren, Laurentius petri Dominicus Gunsálvi Cancellarius predicti domini prioris predictis omnibus interfuit et scripsit.

Parece-nos que como termos que significam instrumentos proprios para a lavra da moeda, devemos considerar: *capelles*, *campacho*, *cocres*, *sartagines*, *trollos*, *parelios*, *palas*, *reeleyras*, *molles*, *brangidoyro*s, *martelos*.

Agora o mais difficil é dizer quaes fossem os instrumentos designados por esses nomes; alguns parecem-nos de identificação razoavelmente facil, como são: *reeleyras*, instrumentos hoje chamados rilheiras; *trollos*, talvez o baixo latino *trolium*, prensa, ou então *trolum* que, segundo Ducange, são canaes por onde correm as aguas pluviaes e que no nosso caso poderiam ser canaes por onde corresse o metal liquido; *parelios*, de *parelium*, par, e que não poderiam ser senão os cunhos, o do anverso e do reverso formando effectivamente um par; *molles*, são pinças que serviriam para agarrar no metal quente; outros ha cuja significação nos parece bastante obscura como: *capelles*, que pela phrase do documento que diz «*capelles per ad funditionem*» não pôde deixar de ser instrumento para a cunhagem; mas que em Ducange apparece como sendo um capacete de ferro, o que manifestamente não é o sentido que aqui tem; *brangidoyro*s, tambem é termo tecnico, pois mais longe encontramos os dinheiros *brangidos*, mas o que será, isso é que não nos apparece claramente: será *brangir* uma fórma do verbo *branguir* e *brangidoyro* seria o instrumento com que se brangia? Parece que sim, pois o documento oppõe dinheiros *brangidos* a dinheiros negros. Talvez outros mais sabios, o digam, e tambem a elles enviamos algumas outras palavras sobre as quaes nem conjecturas nos aventuramos a fazer.

Quanto a pesos e medidas, tambem nos parece que podemos identificar a palavra *siceys* como um plural de *sichel*, isto é, siclo; pois pelo texto parece bem que *siceys* se refere a um pêso, encontrando-se como se encontra ligado a arrateis.

Um novo nome nos apparece tambem para o morabitinó: é o *alcozovil*, provavelmente designativo de alguma cidade em que tal moeda fosse cunhada.

Outras considerações poderíamos fazer a respeito de tão curioso documento, mas já bastante nos alargámos.

G. DE ALMEIDA SANTOS.

Miranda archeologica

Mergulhada no mais profundo silencio historico, vive essa triste e desolada cidade de Miranda do Douro, na margem direita d'este rio, no extremo nordeste da antiga provincia trasmontana.

A epocha actual esqueceu por completo um dos mais fortes baluartes fronteiriços que durante a idade média, e já nas epochas da nossa historia moderna, serviu de barreira ás incursões dos povos vizinhos. Esqueceu esse marco miliario, que tem visto passar tantas gerações, quer nos tempos em que o seu solo foi habitado por uma d'essas tribus guerreiras, cujos vestigios chegaram até hoje, quer na sua celebre dança chamada dos *paulitos*, e nos machados e martelos de pedra e noutros vestigios do periodo preromano, que ainda por aquelles lugares abundam, quer no dominio do povo rei.

O territorio mirandês é uma mina de grande merecimento archeologico, que ainda está por acabar de explorar, tanto na parte dos monumentos e outros vestigios historicos, como no que diz respeito á linguagem, usos e costumes¹. A cada passo se encontra uma povoação morta, um fragmento de uma civilização que passou, uma recordação, um signal, um indicio de um povo que para nós ainda não é conhecido, que se sumiu nas trevas do esquecimento, arrastando consigo as suas tradições e as suas glorias. É uma vasta necropole, de que fazem parte os castros de Coelhoso, S. Martinho, Angueira, Picote, Aldeia Nova e muitos outros, que está para ali abandonada á espera que os obreiros da civilização vão decifrar esses caracteres que traduzem a alma, o sentimento, a vida dos que ergueram esses monumentos para a eternidade!

¹ Com relação á linguagem mirandesa vide, porém, alguns trabalhos de J. Leite de Vasconcellos.